

## **Tags em blogs: efeitos de pluralidade**

Por Vânia Lúcia Coelho<sup>1</sup>

### **Linguagens que documentam: recuperar e organizar**

Seis anos após a constatação da iminente explosão informacional descrita por Bush, o termo *Recuperação da Informação* foi descrito por Calvin Mooers (1951) como sendo aquele que “engloba os aspectos intelectuais da descrição de informações e suas especificidades para a busca, além de quaisquer sistemas, técnicas ou máquinas empregados para o desempenho da operação” (Saracevic, 1996, p. 44). A necessidade de recuperar informações iniciava uma busca por respostas sobre todos os prismas do fenômeno da informação e de todos que faziam uso dela.

Historicamente, este fato conduziu a estudos teóricos e experimentais sobre a natureza da informação, a estrutura do conhecimento e seus registros (incluindo bibliometria), o uso e os usuários, levando a estudos do comportamento humano frente à informação; a interação homem-computador, com ênfase no lado humano da equação; relevância, utilidade, obsolescência e outros atributos do uso da informação juntamente com medidas e métodos de avaliação dos sistemas de recuperação da informação; economia, impacto e valor da informação, dentre outros. (Saracevic, 1996, p.44).

Num mundo em que o acúmulo de informações toma proporções gigantescas a cada segundo, foi também a necessidade de recuperar informações e conseguir que o conhecimento acumulado não se perdesse que deu início às Linguagens Documentárias. (Cintra et al, 2002). Essas linguagens são, basicamente, uma estratégia lançada por aqueles que tinham como objetivo a organização, disponibilização e posterior recuperação da informação e do conhecimento acumulados ao longo do tempo – daí serem conhecidas também como “Linguagens Construídas” – e seu objetivo maior é, basicamente, permitir que a polissemia da Linguagem Natural dê espaço a um tipo de linguagem menos suscetível a ruídos de interpretação.

Lucas (2000) afirma que, na análise documentária, o espaço destinado a estes especialistas da organização da informação repousa sobre a negação e a proibição da interpretação, um espaço marcado por metodologias e procedimentos que reduzem a leitura para fins documentários a uma linha de produção em que há uma “fabricação da informação”. Mais adiante, a autora demonstra que a metodologia do indexador, ou seja, o domínio de várias

---

<sup>1</sup> Graduanda em Ciências da Informação e Documentação pela USP de Ribeirão Preto. Bolsista de Iniciação Científica FAPESP. Trabalho desenvolvido sob a orientação da Profa. Dra. Lucília Maria S. Romão.

terminologias diz respeito à ilusão de que as palavras indiquem um sentido, de que elas sejam indicadores semânticos que nos permitiriam remeter a um sentido.

Cintra et al (2002) reconhece a língua natural (LN) como dependente da tradição cultural e do momento social do povo que a fala. Ela é também uma análise da sociedade, do homem participante de um grupo e de sua cultura. Já as Linguagens documentárias (LDs), segundo a autora, apesar de dependerem apenas de convenções estabelecidas no próprio sistema (o qual, por isso, se torna homogêneo e estático), acabam também por incorporar elementos da Linguagem Natural. Isso, porém, não interfere no seu objetivo fundamental, que é o de permitir o partilhamento de informações:

De toda forma, as LDs são tributárias da LN, na medida em que são construídas a partir dela. Embora haja um esforço de neutralização de traços que fazem da LN um sistema aberto, heterogêneo e multiforme, as LDs acabam por assimilar algumas particularidades, uma vez que se valem de unidades da LN e são manipuladas frequentemente por seres que tem na LN algo, naturalmente, incorporado à sua existência. A função da LD é tratar o conhecimento dispondo-o como informação. Em outras palavras, compete às LDs transformar estoques de conhecimento em informações adequadas aos diferentes segmentos sociais. É esse partilhamento que está na base do caráter público da informação e que não pode ser obtido na ausência de uma LD. De fato, durante muito tempo, acreditou-se que a disponibilização dos estoques seria suficiente para a sua socialização. Mas, atualmente, o fundamental é a existência de uma forma de organização que garanta o partilhamento. Essa organização é a LD. (Cintra et al, op. cit., p.16).

Uma linguagem documentária é, segundo Gardin (1968), um conjunto de termos utilizados para representar conteúdos de documentos com fins de classificação ou busca retrospectiva de informações. A classificação, para Langridge (2006, p.19), é a técnica mais importante usada para a seleção, organização e disseminação do conhecimento. A “organização do conhecimento” é a expressão mais abrangente para designar as funções da classificação e tem sido comumente substituída por escritores modernos pela expressão “Recuperação da informação”. Classificar, para o autor, não é apenas identificar itens de informação específicos, mas demonstrar, em uma biblioteca, a completa gama de assuntos disponíveis.

Ao afirmar que o partilhamento de informações “não pode ser obtido na ausência de uma LD”, a autora pressupõe que esse conjunto de termos que formam uma Linguagem Documentária não pode ser oriundo unicamente da Linguagem Natural, exigindo mesmo os artifícios de uma linguagem artificial que procurem minimizar os “furos” da língua e maximizar a recuperação de informações.

As LDs mais consistentes dispõem de um vocabulário que integra elementos, de um lado, da linguagem de especialidade e, de outro, da LN, que é a linguagem dos usuários, como também da linguagem dos autores, tal como encontrada nos textos da especialidade. Essas unidades, acompanhadas ou não de uma notação, constituem o “léxico” das LDs, denominadas, diferentemente, conforme o sistema e a época, como: palavras-chave, descritores, cabeçalhos de assunto, etc. O vocabulário documentário tem por objetivo reunir unidades depuradas de tudo aquilo que possa obscurecer o sentido: ambiguidade de vocabulário ou de construção, sinonímia, pobreza informativa, redundância, etc. Além disso, ele é fixado de tal forma que seu uso, bem como suas relações estruturais são codificados e não podem mudar ao sabor dos usuários. Assim, chega-se a um instrumento relativamente estável. (Cintra et al, op. cit., p. 31).

Apesar de o vocabulário documentário integrar elementos da linguagem dos leitores que o utilizarão em suas pesquisas, ele não pode, como cita a autora acima, “mudar ao sabor” destes. Deve, então, ser o mais estável possível para evitar a polissemia intrínseca na Língua Natural. Fica, assim, muito claro que, para os teóricos das “linguagens construídas”, toda a riqueza de sentidos que a língua traz, e a isso podemos incluir as metáforas, as ambiguidades, as sinonímias, enfim, todas as palavras passíveis de mais de uma interpretação, todos os “jogos” da língua são vistos como elementos que podem “obscurecer o sentido” e devem ser evitados. Somente assim seria possível tornar eficaz a organização, a busca e a posterior recuperação de informações.

Essa noção pode até nos parecer democrática vista da perspectiva da “massificação” das formas como a busca pela informação deve ser feita pelos leitores. Porém, tanto nas fontes tradicionais, como bibliotecas e centros de informação e documentação, quanto nas fontes eletrônicas de informação, como os sites de busca, apenas os leitores devidamente “educados” e familiarizados com o funcionamento das linguagens documentárias conseguirão encontrar o que procuram. Mais do que isso, apenas estes leitores “atingirão o alvo” de forma independente, fazendo o uso das “palavras certas”, aquelas que tiveram seu uso controlado e não estão expostas às dualidades de interpretação. Caso contrário, será necessário o auxílio de um profissional da informação e, como sabemos, isso muitas vezes não é possível no ambiente *online*.

Em outras palavras, devemos nos perguntar se essa ausência de “multisignificações” no vocabulário controlado e nas Linguagens Documentárias como um todo contribuem mesmo para uma efetiva e, o mais importante, uma democrática recuperação da Informação. Além disso, deve-se pensar em outras possíveis “estratégias” que possam abarcar a necessidade de organizar

e recuperar dados juntamente às pluralidades contidas na linguagem de cada leitor que faz sua busca. Quem sabe uma “terminologia do social”, a Socioterminologia não possa cumprir esse papel?

Gracioso (2011), em seus escritos sobre validação comunicativa e Ciência da informação, expõe algumas propostas e abordagens realizadas por Habermas (1981) em sua teoria da ação comunicativa. Nestes estudos, o teórico sublinha a importância da linguagem na busca do entendimento entre sujeitos, na construção do conhecimento e no conseqüente desenvolvimento social, e afirma que, “por naturalmente se constituir em uma circunstância de ação de busca de compreensão entre os homens (e não de dominação), a linguagem seria o principal veículo de emancipação” (op. cit. p. 100).

Para que tudo isso seja possível, o autor conclui que deve haver uma “validade comunicativa” que permita um consenso entre os sujeitos em interação. A comunicação deve se basear em argumentos sólidos, aceito por todos que fazem parte dela e cada um dos sujeitos deve ter oportunidades iguais de falar, opinar, questionar, argumentar ou responder. Numa das passagens do artigo, a autora expõe a importância de se atrelar essa teoria de Habermas aos contextos informacionais.

De modo mais específico, diríamos que as ações de uso da linguagem cotidiana são instrumentos da busca da informação, uma vez que tal busca não é mais atravessada por instituições de pesquisa, dentre outras, e são, geralmente, feitas por meio de buscadores abertos, como o Google, por exemplo. É nesse uso cotidiano da linguagem, praticado no processo de busca informacional em plataformas interativas, que se emaranham os atos de fala validados comunicativamente, que têm como base o cumprimento de suas respectivas pretensões. (...) O ideal de consenso é a força que move a sociedade. Se algum desvio a esse ideal é concebido, ele é formalizado no uso da linguagem. (...) Por isso, parece-nos evidente que, mesmo havendo uma aparente supremacia da presença de sistemas de controle de informação na rede, são as ações de uso cotidiano da linguagem que lhe dão vida. (GRACIOSO, 2011, p. 112)

Se a linguagem natural, como foi visto, constitui um fator tão importante no processo de comunicação e na busca por informação e se o ideal comunicativo é baseado em um consenso entre os sujeitos, torna-se, então, indispensável que tudo aquilo que constitui a linguagem dos leitores, a polissemia, a riqueza de sentidos, também sejam considerados e incorporados aos sistemas que irão organizar e disponibilizar a informação.

A socioterminologia, segundo Gaudin (1993) considera a variação linguística (sinonímia, homonímia, polissemia), apresentando-se como importante suporte teórico na construção de linguagens documentárias. Para ela, a língua não se constitui de léxicos estáticos, mas de significações plurais,

que variam em cada sistema linguístico. Ao avaliar a língua como prática social, a socioterminologia possibilita uma flexibilização conceitual e lexical que aproxima mecanismos de informação e usuários. (Bocato, 2011). Não diferentemente, Kobashi (2007) também vê na socioterminologia e em todas as suas variantes linguísticas uma importante contribuição no enrijecimento da estrutura das linguagens documentárias. Afirma a autora (op. Cit.)

A compreensão da natureza essencialmente dialógica da linguagem determina, em larga medida, as propostas de construção das Linguagens documentárias ancoradas na Socioterminologia. Decorre daí a concepção de que as Linguagens documentárias só podem operar adequadamente em horizontes sociais determinados. (...) A Sociolinguística e a Socioterminologia, no entanto, têm sido contribuições importantes para superar as limitações da terminologia (...) que pode, nos contextos da comunicação documentária, enrijecer a estruturação das Linguagens documentárias.

Faulstich (1995), por sua vez, afirma que, nos estudos sobre terminologia sistemática, o termo perdeu sua característica de univocidade para dar espaço a uma interpretação “variacionista”, que considera as diversidades de comunicação. O autor considera, ainda, que “o princípio da pesquisa socioterminológica é o registro de variante(s) que leva em conta os contextos social, situacional, espacial, linguístico em que os termos circulam”.

Em síntese, para os três autores, a organização da informação baseada no uso de termos artificialmente construídos deve se constituir e se basear sob todos os “prismas” que constituem o contexto em que o leitor está inserido. Isso engloba todas as variações linguísticas e “furos” que a língua natural pode desencadear e o entorno social deste leitor como um todo. Há, em outras palavras, uma “incompletude” que o uso das convenções das Linguagens Documentárias e dos vocabulários controlados, por meio de sua tentativa de homogeneização e estabilização da linguagem, ainda não pode suprir e que, hoje, mais do que nunca, merece uma atenção especial por estarmos inseridos em contextos informacionais cada vez mais “abertos”, colaborativos, democráticos e heterogêneos. As plataformas dos blogs, a propósito, por meio de “tags”, são bons exemplos desse tipo de ambiente de informação 2.0 em que há uma tentativa de maior abrangência no uso de palavras-chave que facilitem a busca por parte do leitor. E a Análise do Discurso, por meio de conceitos que “olham” para a língua como uma atividade social inscrita por sentidos datados sócio-historicamente, trabalha a multipluralidade de efeitos e a interação sujeito-sistema.

**Análise do Discurso:  
compreender e analisar o jogo de vozes ressoadas**

A segunda geração da Web, também conhecida como Web 2.0 ou Web Colaborativa, ampliou muito o horizonte não apenas de busca e recuperação, mas, principalmente, de produção de informação. Os usuários, antes passivos e estritamente leitores do conteúdo produzido no âmbito da internet, passaram a incorporar características de produtores, de escritores.

Inicialmente, as plataformas de blogs gratuitas possibilitaram a criação de verdadeiros “diários virtuais”, onde o cotidiano era relatado e publicado. Hoje, mais do que isso, navegando na web colaborativa, vemos verdadeiros “jornais e revistas amadores” em que os usuários publicam e compartilham fatos e opiniões sobre os mais diversos assuntos de seu interesse.

A possibilidade de compartilhar o conteúdo produzido em redes sociais como o Twitter e o Facebook, por exemplo, aumenta a possibilidade de que ele seja lido e recompartilhado. Assim como os sites de busca, que, ao permitirem a pesquisa por meio de palavras-chave, encaminham mais leitores aos blogs, de acordo com a área de interesse. Gracioso (2011) analisa essa trajetória colaborativa da web como uma maior abertura à democratização da informação que, por sinal, só se torna possível pelo uso da linguagem no dia-a-dia. Linguagem essa que poderíamos remeter, novamente, ao uso das palavras-chave nos sites de busca, já citadas anteriormente, e ao uso das *tags* – palavras-chave que organizam a informação produzida no âmbito dos blogs.

Nos blogs, a representação da informação por meio de palavras-chave é chamada de *Folksonomia*, termo que, segundo Aquino (2009), foi criado pelo Arquiteto da Informação Thomas Vander Wal e que “permite aos próprios usuários da web representar informação através da adição de uma *tag* ao registro e recuperá-lo através dessa *tag* nomeada livremente por cada usuário”. Basicamente, são essas *tags* ou palavras-chave criadas pelo editor/criador de textos nos blogs que irão permitir que outros leitores encontrem a informação ali contida, por meio dos sites de busca.

Guimarães (2008) dá um exemplo de como a informação é representada por *tags* e pesquisada nos sites de busca: o leitor digita, no Google, “Machado de Assis nasceu”, fazendo assim uma “busca sintática”, de acordo com a exata sequência de letras que foi digitada. O buscador, então, mostrará os textos indexados com essa exata sequência de palavras. Outra maneira de realizar a busca seria o leitor digitar as palavras “Machado de Assis nascimento”. Porém, segundo o autor, esta forma de busca não foi tão eficaz quanto a primeira e é daí que vem a importância de se conhecer as diferentes formas de pesquisa na internet:

É fundamental que se percebam as diferentes formas de se pesquisar conteúdo. A “nova” busca por *tags* não acontece por processos, verbos (...) de modo que deveríamos proceder de maneira diferente para obter a informação: em vez de procurar por “nasceu” – que é um processo – devemos procurar por “nascimento” – uma nominalização do processo.

(...) O que pretendemos atentar aqui é que “nasceu” não é uma *tag*, é apenas uma parte do texto. As *tags* são selecionadas pelos autores dos textos – como as palavras-chave dos artigos científicos – e adicionadas aos textos através do site que oferece o serviço, o site que mantém o blog deste autor. (Guimarães, 2008, p.03).

Surge daí, então, a importância de “etiquetar” adequadamente o conteúdo produzido em um blog. Deve-se saber que um único texto poderá abarcar diversas *tags* e será essa completa alocação de palavras-chave a responsável por uma recuperação de informações bem-sucedida pelos leitores nos sites de busca. Para exemplificar o processo de escolha e uso de palavras-chave ou *tags* na plataforma de um blog, tomemos o exemplo da página “BiblioFAO”, blog da biblioteca da Faculdade de Orândia, hospedada no site Wordpress:

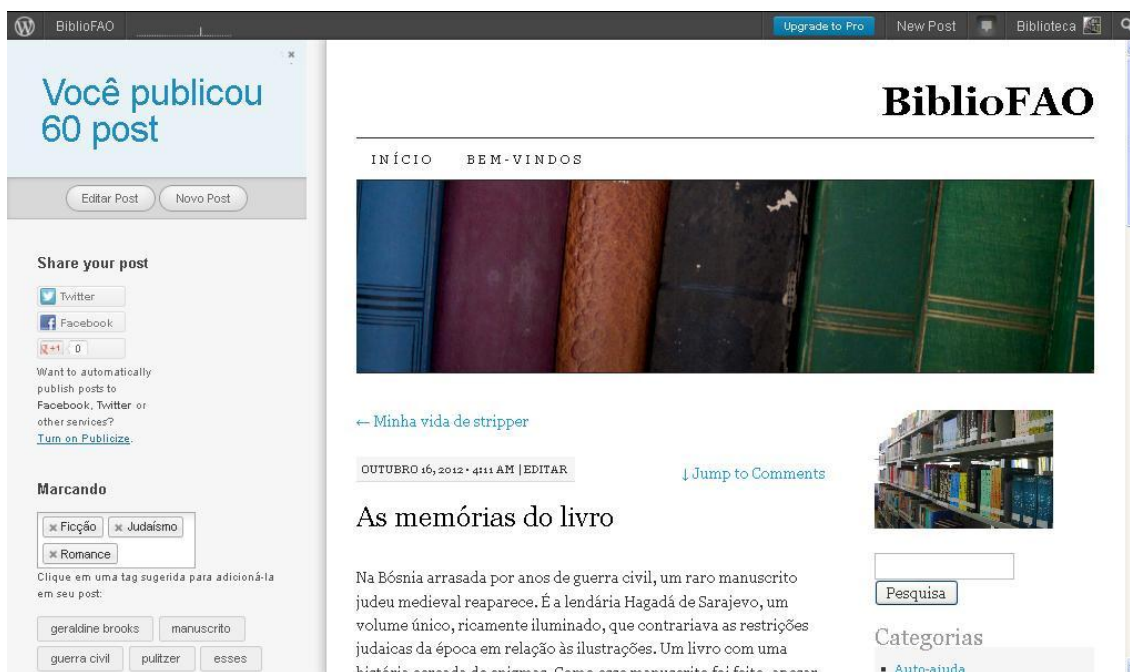


Figura 1: Página inicial do blog “BiblioFAO”

Esta primeira figura representa a imagem que o blogueiro tem ao publicar uma postagem. Basicamente, o que se vê é o cabeçalho da página, com o nome do blog e o último post escrito – “As memórias do livro”. No canto direito, é possível ver o espaço destinado à pesquisa – onde o leitor digitará o conteúdo de seu interesse para busca nos arquivos da página – e a área destinada às categorias, que organizarão o conteúdo publicado em “gavetas” específicas, como em uma alusão a um arquivo institucionalizado. É importante frisar que o blog “BiblioFAO” foi criado pela autora do presente artigo com o intuito de divulgar aos alunos, funcionários e docentes os livros disponibilizados na biblioteca da Faculdade de Orândia, onde concluiu período de estágio.

hístória cercada de enigmas. Como esse manuscrito foi feito, apesar das restrições rabínicas? E, mais importante, como sobreviveu a séculos de anti-semitismo na Europa?

VENCEDORA DO PULITZER DE FICÇÃO  
GERALDINE BROOKS  
*As Memórias do Livro*  
MANUSCRITO DE SARAJEVO

Palavras-chave

- 5 Adolescência Afeganistão
- Antinazismo Auto-ajuda
- Biografia**
- Clássicos**
- Computadores Comunismo Contos
- Costumes Crônicas Economia
- Família Ficção** Filosofia
- Islamismo Judaísmo Liderança
- Linguagem **Literatura**
- Brasileira** Literatura
- Espanhola Literatura inglesa

Figura 2: Área destinada às Palavras-chave

Na segunda figura, vemos a continuação da postagem sobre “As memórias do livro”, com uma imagem representando-o. O destaque da figura, porém, fica para a área, no canto direito da tela, destinada à alocação de palavras-chave. Por se tratar de um blog estritamente literário, vê-se que as palavras mais usadas para descrever o conteúdo dos textos – aquelas que aparecem em tamanho maior – referem-se às características dos livros publicados: “Biografia”, “Clássicos”, “Literatura Brasileira”. Cada uma delas foi escolhida arbitrariamente pela autora, por vezes seguindo os assuntos contidos nas fichas catalográficas das obras publicadas.





Figura 3: Recursos diversos da plataforma *Wordpress*

A terceira e última figura apresenta vários recursos disponibilizados pela plataforma de blogs *Wordpress*. A primeira é a opção de compartilhamento para redes sociais, logo abaixo do final do texto, representada pela palavra “Compartilhe”. Essa opção permite que o *link* que leva ao conteúdo publicado seja divulgado no Twitter ou no Facebook, por exemplo, e seja não somente lido, mas re-compartilhado pelos leitores. Logo abaixo, há a opção “Gostar disso”, onde é possível que o leitor clique em “Gostei” e dê ao blogueiro um respaldo sobre a qualidade do conteúdo criado por ele.

As áreas “Arquivado em” e “Marcado como” referem-se, sucessivamente, às categorias onde a postagem foi arquivada (que pode ser mais de uma) e às *tags* ou palavras-chave usadas pelo blogueiro para descrever o conteúdo publicado. Na postagem em questão, o livro “As memórias do livro” foi arquivado na “gaveta”, ou categoria, de “Literatura norte-americana” e descrito com as palavras “Ficção”, “Judaísmo”, “Romance”. No canto direito, há, ainda, espaço destinado às postagens mais recentes, “Posts Recentes” onde são nomeados os cinco últimos livros publicados e a área “Arquivos” em que as postagens anteriores são organizadas e arquivadas de forma temporal, de acordo com o mês e o ano.

O destaque para esta figura fica, porém, para o canto esquerdo da tela, onde se pode ver a palavra “Marcando”. Abaixo dela, há as palavras-chave selecionadas pelo autor do artigo para representar seu conteúdo e a frase “Clique em uma tag sugerida para adicioná-la ao seu post”. Neste momento, o autor do blog tem a opção de adicionar novas *tags* ao seu texto, sugeridas agora pela própria plataforma do Blog. Essa opção vem complementar as escolhas feitas pelo blogueiro, fazendo com que, como já citado acima, haja uma completa alocação de palavras-chave para uma mais eficaz recuperação

de informações por parte dos leitores. No exemplo acima, a plataforma Wordpress sugere cinco novas possíveis palavras-chave ao artigo sobre o livro “As memórias do livro”. São eles: “Geraldine Brooks”, “manuscrito”, “guerra civil”, “pulitzer” e “esses”.

Como se não bastasse a mais eficaz recuperação de informações pelos leitores em sites de busca, ao aumentar o número de *tags* referentes a um mesmo texto, esse gesto de ampliação do número de palavras descritoras diminui a dispersão e o desalinhamento de sentidos numa rede marcada por uma pluralidade de arquivos discursivos que podem estar ordenados ou não e ainda serem retirados, adulterados, envelhecidos, modificados. (Romão, Benedetti, 2008). Isso, claro, só vem a enriquecer ainda mais o espectro de possibilidades de relação leitor/autor no âmbito da rede eletrônica.

Porém, é importante lembrar que, apesar de o uso de palavras-chave estar estritamente ligado a conceitos como de organização e recuperação de informação e de conhecimento, como se isso lhes desse um certo “poder” e uma autonomia na rede, elas são sempre parte de um discurso. Além disso, o fato de escolher *uma* e não *outra* palavra-chave para descrever o conteúdo de um texto inscreve uma ideologia, que, segundo Romão (2006) naturaliza e legitima certos sentidos e apaga outros, vistos como indesejáveis ou não relevantes. Tal ato inscreve uma relação de poder ao dar ao blogueiro a autonomia de selecionar qual palavra é a “melhor” para ser usada como *tag*. Isso, como já vimos anteriormente, interferirá diretamente na forma como o leitor encontrará esta ou aquela informação.

Esse “poder” todo acaba por respingar, ainda, na questão da memória, que vai muito além de simplesmente “lembrar” ou “esquecer”. Em ambientes colaborativos como os blogs, apesar de haver a ilusão de pluralidades de ideias, isso de nada basta se elas não circularem. Fica explícito, assim, que é a possibilidade de que o conteúdo criado e publicado pelos escritores dos blogs chegue aos olhos do leitor que irá permitir que memórias sejam construídas e consolidadas e que haja uma efetiva democratização dos discursos na rede eletrônica. Como cita Romão (2006), os blogs apenas materializam o quanto da memória foi selecionado para estar ali e o leitor só chegará até eles se tiver acesso à memória e ao arquivo, se souber fazer a busca. Em outras palavras, ou, seguindo o raciocínio do uso das *tags*, o leitor só chegará ao conteúdo de seu interesse se sua memória for “compatível” com a memória do criador do texto: se a palavra digitada para sua busca for a mesma utilizada como palavra-chave pelo criador do conteúdo do blog.

Do encontro destas distintas posições de leitura, permeado pelas condições de produção, pela tensão da polissemia dos sentidos, das várias memórias atuando em paralelo (...); deste movimento de justaposição e interação decorrerão os descritores. (Lucas, 2000, p. 38)

Com o trecho acima, Lucas (2000) consegue sintetizar todo o “jogo de sentidos” que, assim como nos descritores “formais” de indexação de documentos, também atua nas *tags*. Levando em conta, ainda, que a autora considera que “o movimento de interpretação realizado pelo sujeito vem carregado de uma memória (...) que aparece como negada, sem que o sujeito se dê conta”, podemos entender que as chances de haver dissonâncias entre o que *um* e *outro*, blogueiro e leitor, consideram como relevantes na hora de organizar e de buscar uma informação são muito grandes. Porém, ainda podemos acreditar que quanto maior a pluralidade de *tags* ou palavras-chave, ou ainda, quanto mais termos que poderiam ser simplesmente “esquecidos” nos forem “sugeridos”, sublinhados, mesmo que de forma automática, por uma plataforma de Blogs, mais “vozes” serão ressoadas, mais vozes serão ouvidas.

### Considerações finais

É ilusão pensar em um ambiente colaborativo plenamente democrático e participativo sem levar em conta várias questões que vão desde a produção, organização e publicação do conteúdo criado nestes espaços. O leitor, especialmente, já não pode mais ser visto como um sujeito neutro, mero receptor de informações. Suas características, vivências, pluralidades e expectativas devem, mais do que nunca, ser consideradas e respeitadas.

As linguagens documentárias, no âmbito “formal” da organização de documentos tem tido seus méritos, mas, como em todo sistema, tem sua incompletude e precisa ser revista, principalmente, para atender às necessidades de organização de documentos cada vez mais disponibilizados no espaço aberto e multiplural da rede eletrônica. É neste sentido que entraria em cena a Socioterminologia como uma forma de “dar voz” aos furos típicos da Língua Natural que, apesar de produzirem dissonâncias nesse desejo do “tudo organizar”, estão aí e não podem ser ofuscados por completo.

A Análise do Discurso, por fim, surge, com suas teorias, como uma forma de expôr que, nos blogs, o “simples” ato de alocar palavras para descrever o conteúdo de um texto produzido é carregado de sentidos, de uma relação de poder e de memória que influencia diretamente na forma como a informação e o conhecimento será recebida pelo leitor que a busca. E que a aparente Web colaborativa e democrática, 2.0, pode, também, correr o risco de restringir o acesso ao conhecimento apenas àqueles que “sabem” como chegar até ele.

### Referências bibliográficas

1: SARACEVIC, Tefko. **Ciência da Informação: origem, evolução e relações**. Belo Horizonte: Perspectivas em Ciência da Informação, v. 1, n. 1, p. 41-62,

1996. Disponível em:  
<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/viewFile/235/22>.  
Acesso em 15/10/12

2: CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. Disponível em:  
[http://books.google.com.br/books/about/A\\_Gal%C3%A1xia\\_Internet.html?id=nCKFFmWOnNYC&redir\\_esc=y](http://books.google.com.br/books/about/A_Gal%C3%A1xia_Internet.html?id=nCKFFmWOnNYC&redir_esc=y). Acesso em 15/10/12

3: CINTRA, Ana Maria et al. **Para entender as linguagens documentárias**. São Paulo: Pólis, 2002.

4: GRACIOSO, Luciana de Souza. **J. Habermas, Validação Comunicativa e Ciência da Informação**. In: Estudos de linguagem em Ciência da Informação / Vera Regina Casari Boccato/ Luciana de Souza Gracioso – orgs / editora Alínea, Campinas, 2011

5: BOCCATO, Vera Regina Casari. **Linguagem Documentária na representação e recuperação da informação pela perspectiva sociocognitiva em Ciência da Informação**. In: Estudos de linguagem em Ciência da Informação / Vera Regina Casari Boccato/ Luciana de Souza Gracioso – orgs / editora Alínea, Campinas, 2011

6: Faulstich, Enilde. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. In: Ciência da Informação – Vol. 24, número 3, 1995. Disponível em:  
<http://revista.ibict.br/cienciadainformacao/index.php/ciinf/article/viewFile/486/441>. Acesso em 29/10/2012. Acesso em 29/10/12

7: Kobashi, Nair Yumiko. Fundamentos semânticos e pragmáticos da construção de instrumentos de representação de informação. In: DataGramaZero – revista de ciência da informação – v. 8, n. 6, 2007. Disponível em: [http://www.datagramazero.org.br/dez07/Art\\_01.htm](http://www.datagramazero.org.br/dez07/Art_01.htm). Acesso em 29/10/2012.

8: AQUINO, Maria Clara. **Os blogs na Web 2.0: representação e recuperação coletivas de informação**. In: Blogs.Com: estudos sobre blogs e comunicação./ Adriana Amaral, Raquel Recuero, Sandra Montardo (orgs.)- São Paulo: Momento Editorial, 2009.

9: GUIMARÃES, Cleber Pacheco. **Tags: palavras-chave em blogs**. In: Anais eletrônicos do 2º. Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação. UFPE: Recife, 2008. Disponível em:  
<http://www.ufpe.br/nehte/simposio2008/anais/Cleber-Pacheco.pdf>. Acesso em 01/11/12. Acesso em 31/10/12

10: ROMÃO, Lucília Maria Sousa; BENEDETTI, Cláudia Regina. A navegação do sujeito no discurso jornalístico impresso e eletrônico. In: Verso e Reverso, ano 22, número 49, 2008. Disponível em:

<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/versoereverso/article/view/5757/5215> . Acesso em 02/11/12. Acesso em 02/11/12

11: ROMÃO, Lucília Maria Sousa. O cavalete, a tela e o branco: Introdução à autoria na rede eletrônica. In: Revista Delta. Volume 22. Número 2. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/delta/v22n2/a04v22n2.pdf>. Acesso em 02/11/12

12: LUCAS, Clarinda Rodrigues. **Leitura e Interpretação em Biblioteconomia**. Campinas: editora da Unicamp, 2000.

13: Langridge, Derek. **Classificação: abordagem para estudantes de biblioteconomia**. Rio de Janeiro: Interciência, 1977. 1ª. Reimpressão, 2006.